

CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPO REAL
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

CINTIA DE LARA

**CORREÇÃO, MANEJO E COMPLICAÇÕES DO TRAUMA OROFACIAL EM
FELINOS: RELATO DE CASO**

GUARAPUAVA-PR

2024

CINTIA DE LARA

**CORREÇÃO, MANEJO E COMPLICAÇÕES DO TRAUMA OROFACIAL EM
FELINOS: RELATO DE CASO**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Medicina Veterinária
do Centro Universitário Campo Real, como
parte das exigências para a conclusão do
Curso de Graduação em Medicina Veterinária.**

Professor Orientador: Helton Felipe Stremel

GUARAPUAVA- PR

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

TERMO DE APROVAÇÃO

Centro Universitário Campo Real
Curso de Medicina Veterinária
Relatório Final de Estágio Supervisionado
Área de estágio: Clínica e Cirurgia de pequenos animais

CORREÇÃO, MANEJO E COMPLICAÇÕES DO TRAUMA OROFACIAL EM FELINOS: RELATO DE CASO

Acadêmico: Cintia de Lara
Orientador: Helton Felipe Stremel
Supervisor: Leticia Lima e Marcelo Morato da Silva

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado e aprovado com nota _____(__,__) para obtenção de grau no Curso de Medicina Veterinária, pela seguinte banca examinadora:

Prof.^(a) Orientador(a): Helton Felipe Stremel

Prof.(a):

Prof.(a):

Novembro de 2024
Guarapuava- PR

Dedico este trabalho aos meus pais. Os quais não permitiram que eu desistisse e foram meu maior alicerce ao longo dessa caminhada. Toda a minha gratidão e amor a vocês, que são a base de cada conquista na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão aos meus pais, Marcos e Josane, que me apoiaram incondicionalmente em todos os momentos, pela paciência, pelo carinho e principalmente pela constante motivação para seguir em frente. Sem vocês minhas conquistas não teriam o mesmo significado, sou imensamente grata por tudo o que me proporcionaram e por estarem sempre ao meu lado.

Ao meu orientador, Helton Felipe Stremel, sou profundamente grata por toda a orientação, dedicação e apoio. Agradeço por acreditar em mim, por me encorajar quando mais precisei e por ser uma verdadeira fonte de inspiração, tanto como profissional quanto como pessoa. Levarei seus ensinamentos para o resto da minha vida, e tê-lo como exemplo é uma das maiores riquezas que carrego.

Sou grata a RealVet pelo imenso aprendizado que adquiri durante a monitoria e pelas oportunidades de crescimento profissional que me foram proporcionadas. O carinho que tenho por esse lugar e por todos que fazem parte dele é incalculável. Guardarei para sempre na memória tudo o que vivi lá, e terei a Realvet como uma referência importante em minha carreira.

Em especial, agradeço às professoras Yana Fonseca e Patrícia Schwarz, pelo conhecimento compartilhado com tanta generosidade e por serem exemplos de amor e dedicação. Tenho um carinho enorme por ambas e sua influência será sempre guardada em minha memória com profunda admiração.

Agradeço também às minhas amigas, Tatiana, Camila, Maria e Mariana que tornaram essa caminhada mais leve e suportável. A amizade de vocês fez toda a diferença nessa caminhada.

Por fim, quero expressar minha eterna gratidão ao Tito, o cão que me motivou a seguir esta carreira. Sua memória viverá eternamente em meu coração, como uma fonte constante de amor e gratidão.

'Chegará o tempo em que o homem conhecerá o íntimo de um animal e nesse dia todo crime contra um animal será um crime contra a humanidade.'

Leonardo da Vinci

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Clínica Veterinária Dogtor	15
Figura 2. Consultório e Centro Cirúrgico	15
Figura 3. (A) Internamento de Cães, (B) Internamento de felinos, (C) Internamento infectocontagioso	16
Figura 4. Hospital Veterinário Vida Pets	18
Figura 5. (A) Sala de espera para felinos, (B) Consultório felinos	19
Figura 6. (A) Centro cirurgico odontologico, (B) Centro cirúrgico, (C) UTI veterinária	19
Figura 7. (A) Cistostomia para correção de urolitíase em cão, fêmea, SRD, 5 anos. (B) Cirurgia reconstrutiva na área da mandíbula causada por tiro em gata, SRD, 1 ano de idade. (C) Nodulectomia em cão, fêmea SRD, 10 anos de idade.	21
Figura 8. (A) Lesão causada por mordida em região caudal, em fêmea canina, SRD, 6 anos de idade. (B) Luxação temporomandibular pós trauma em felino de 1 ano de idade, SRD. (C) Fratura em vértebra coccígea de cão adulto.	24
Figura 9. Técnica de cerclagem para estabilização da disjunção de sínfise mandibular	32
Figura 10. (A) Incisões mucoperiosteais para criar dois retalhos deslizantes. (B) O muco periósteo é elevado do palato duro, utilizando a artéria palatina maior para irrigação. (C) A mucosa nasal e o mucoperiosteio são suturados em duas camadas sobre o defeito no palato duro. (D) A técnica é visualizada em uma vista transversal para planejamento do reparo.	33
Figura 11. Fratura mandibular em posição latero lateral direita (A) radiografia em posição ventrodorsal (B)	36
Figura 12. (A) Fratura em mandíbula em área de sínfise mandibular, (B) fenda palatina em região de palato duro, (C) laceração de língua.	37
Figura 13. (A) Cerclagem e sutura em região de sínfise mandibular. (B) correção de fenda palatina e região de dentes incisivos (C) glossorrafia para correção de laceração de língua.	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Procedimentos cirúrgicos acompanhados em cães e gatos no período de 23 de Julho à 30 de Agosto de 2024.	21
Tabela 2. Exames complementares realizados em caninos e felinos durante o período de 23 de Julho à 30 de Agosto de 2024.	22
Tabela 3. Procedimentos cirúrgicos acompanhados em cães e gatos no período de 02 de setembro a 11 de outubro de 2024.	23
Tabela 4. Exames complementares realizados em caninos e felinos durante o período de 02 de setembro a 11 de outubro de 2024.	24

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AINE- Anti-inflamatório não esteroide

BID- Duas vezes ao dia

BPM- Batimentos por minuto

Cm- Centímetro

FC- Frequência cardíaca

FOPS- Síndrome da Dor Orofacial Felina

FR- Frequência respiratória

G- Gauges

Kg- quilogramas

Mg- Miligramas

mm- Milímetro

ml- Mililitro

MPA- Medicamento pré-anestésico

MPM- Movimentos por minuto

NMDA- N-metil D-Aspartato

OH- Ovariohisterectomia

PR- Paraná

SGP- Síndrome do gato paraquedista

SID- Uma vez ao dia

SRD- Sem raça definida

UFPR- Universidade Federal do Paraná

UFS- Universidade Federal de Sergipe

UNESP- Universidade Estadual Paulista

UNIJUI/RS- Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul

UNIVEL-Centro Universitário de Cascavel

UTI- Unidade de terapia intensiva

RESUMO

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é apresentar um relato detalhado das atividades técnicas realizadas entre 29 de julho e 30 de agosto de 2024 na Clínica Veterinária Dogtor, bem como das atividades desenvolvidas de 2 de setembro a 11 de outubro de 2024 no Hospital Veterinário Vida Pets, no âmbito da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado do Centro Universitário Campo Real. As atividades foram realizadas na área de Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais, sob a orientação do professor Helton Felipe Stremel, com supervisão da médica veterinária Letícia Lima e do médico veterinário Marcelo Morato. Este Trabalho de Conclusão de Curso contempla uma descrição das atividades desenvolvidas durante o estágio, casuística acompanhada da descrição do local de estágio, juntamente com uma revisão bibliográfica e caso clínico escolhido. As fraturas na região orofacial em felinos tem se tornado cada vez mais comum na rotina veterinária, são condições clínicas relevantes com causas comumente associadas a quedas, acidentes automobilísticos e disputa por território. Essas fraturas podem comprometer grande parte da função função da região orofacial. Complicações secundárias acabam impactando diretamente o bem-estar do animal, como dores crônicas e problemas respiratórios. O manejo dessas fraturas requer uma abordagem cirúrgica precisa e criteriosa, envolvendo o uso de técnicas de cerclagem e suturas especializadas, visando minimizar complicações e acelerar o processo de recuperação.

Palavras-chave: Felinos. Fratura. Orofacial. Trauma.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I - DESCRIÇÃO DO LOCAL DO ESTÁGIO	
1 APRESENTAÇÃO DA EMPRESA E PERÍODO DE ESTÁGIO	13
1.1 DESCRIÇÃO DO LOCAL DO ESTÁGIO CLÍNICA VETERINÁRIA DOGTOR	13
1.2 DESCRIÇÃO LOCAL DO ESTÁGIO HOSPITAL VETERINÁRIO VIDA PETS	16
2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE O ESTÁGIO DOGTOR	20
2.1 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	20
2.2 CASUÍSTICA	20
3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE O ESTÁGIO VIDA PETS	22
3.1 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	22
3.2 CASUÍSTICA	22
CAPÍTULO II - REFERENCIAL TEÓRICO	
4 REFERENCIAL TEÓRICO	27
1.1 INTRODUÇÃO	27
4.2 ANATOMIA	27
4.3 SINAIS CLÍNICOS	28
4.4 DIAGNÓSTICO	29
4.5 TRATAMENTO	30
4.6 COMPLICAÇÕES	34
5 RELATO DE CASO	35
6 DISCUSSÃO	39
7 CONCLUSÃO	42
8 REFERÊNCIAS	43

CAPÍTULO I – DESCRIÇÃO DO ESTÁGIO

1 APRESENTAÇÃO DA EMPRESA E PERÍODO DE ESTÁGIO

1.1 DESCRIÇÃO DO LOCAL DO ESTÁGIO CLÍNICA VETERINÁRIA DOGTOR

O Estágio Curricular foi realizado na Clínica Veterinária Dogtor, entre 23 de julho e 30 de agosto de 2024, com uma carga horária semanal de 24 horas, totalizando 129 horas obrigatórias.

A Clínica Veterinária fundada em fevereiro de 2021, está localizada na Rua Salgado Filho, nº 3209, bairro Cancelli, na cidade de Cascavel - PR (Figura 1). Com funcionamento 24 horas, incluindo finais de semana e feriados.

Oferece atendimento a pequenos animais e animais não convencionais, incluindo atendimento clínico geral, atendimento especializado em cardiologia, dermatologia, oncologia, nefrologia, cirurgias de tecidos moles e ortopédicas, vacinações, ultrassonografia, ecocardiografia, eletrocardiografia, testes rápidos e oferece internamento.

A equipe é composta por 5 médicos veterinários. A responsável pela clínica e supervisora de estágio, a médica veterinária Letícia Lima, graduada no Centro Universitário Da Fundação Assis Gurgacz de Cascavel, especialista em Clínica Médica e Cirúrgica, e pós-graduada em Oncologia Veterinária. O médico veterinário Luiz Ricardo Wilhelm Gongora, formado no Centro Universitário Da Fundação Assis Gurgacz em Cascavel, pós-graduado em Anestesiologia e Dermatologia em Pequenos Animais.

Letícia Moreira, formada no Centro Universitário Da Fundação Assis Gurgacz em Cascavel, com pós-graduação em Nefrologia e Urologia Veterinária e Nutrição de Pets. João Gabriel Espinola, graduado pela UNIVEL Centro Universitário, pós-graduando em Clínica Médica, Manejo e Preservação de Animais Selvagens e Nutrição de Pets. Milena Batalha, formada pela Universidade Federal do Paraná em Palotina, pós-graduanda em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais.

A parte estrutural da clínica é separada por um consultório, figura 2 (B), espaço dedicado aos atendimentos e avaliações clínicas. O ambiente conta com uma mesa inox, utilizada para contenção e exame dos pacientes e uma geladeira para o armazenamento seguro de vacinas e medicamentos. Sala de exames

equipada para a realização de exames complementares necessários para o acompanhamento das condições clínicas dos pacientes, a sala contém diversos instrumentos e equipamentos para diagnóstico.

Internamentos separados para cães, gatos e internamento infectocontagioso especificamente para o cuidado dos pacientes (Figura 3), as salas são compostas por baias, que proporcionam acomodações adequadas e uma mesa de inox para a realização de procedimentos, os internamentos garantem conforto e segurança. A clínica contém internamento de animais não convencionais, espaço utilizado para consultas, alimentação e manejo especializado, com baias e instrumentos apropriados para diferentes espécies.

A farmácia é o ambiente de armazenamento de medicamentos e equipamentos de toda a clínica, composta por prateleiras e armários onde ficam expostos os antibióticos, antiinflamatórios, antieméticos, suplementos, analgésicos e equipamentos como soro, equipo, seringas, agulhas, cateter, sondas, testes rápidos, torneiras de 3 vias, tubos de coleta de sangue e urina.

Uma sala equipada utilizada para preparo pré-cirúrgico, monitoramento e recuperação dos pacientes após procedimentos cirúrgicos. O espaço contém baias para a acomodação dos pacientes, quadro de medicamentos para o controle das medicações, caixas de emergência e uma incubadora. O centro cirúrgico, equipado para a realização de procedimentos cirúrgicos, conta com uma mesa cirúrgica, oxigênio, monitor multiparâmetros, bomba de infusão, ventilador mecânico, caixa de emergência, instrumentos cirúrgicos, luvas e fios cirúrgicos, como demonstrado na figura 2 (A).

Figura 1. Clínica Veterinária Dogtor.



Fonte: Dogtor (2023).

Figura 2. (A) Centro cirúrgico, (B) Consultório.



Fonte: autora (2024).

Figura 3. (A) Internamento de Cães, (B) internamento de felinos, (C) internamento infectocontagioso.



Fonte: autora (2024).

1.2 DESCRIÇÃO DO LOCAL DO ESTÁGIO HOSPITAL VETERINÁRIO VIDA PETS

O Estágio Curricular foi realizado no hospital veterinário Vida Pets, entre 02 de setembro a 11 de outubro de 2024, com uma carga horária semanal de 40 horas, totalizando 231 horas de estágio obrigatórias.

A Clínica foi fundada em 24 de maio de 2016, está localizada na rua Rua Cuiabá, número 2073, bairro Ciro Nardi - Cascavel, PR (Figura 4).

O Hospital Veterinário oferece atendimento 24 horas para animais de companhia, incluindo atendimento clínico geral, atendimento especializado em cardiologia, dermatologia, atendimento especializado em felinos, oncologia, odontologia, cirurgias de tecido mole e ortopédicas. Oferece também internamento, UTI veterinária, exames laboratoriais, ultrassonografias e radiografias.

A equipe é composta pelo médico veterinário e supervisor de estágio Marcelo Morato da Silva formado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) em 2010, Especialização em clínica e cirurgia de pequenos animais na Qualittas, aperfeiçoamento em oncologia na UNESP, Mestrado em saúde e bem estar animal na UFS, pós em gestão na saúde veterinária na Fundação Dom Cabral.

Médica veterinária Fernanda Freitag, formada pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, pós graduada em clínica médica e cirúrgica de felinos e com aperfeiçoamento em ultrassonografia veterinária pela Qualittas, aperfeiçoamento em Manejo Cat Friendly Practice na Equalis. Giovana Veronese de Lara, médica veterinária formada pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, atua na área de fisioterapia veterinária. Jessica Gregolin Almeida Peretto, médica veterinária formada pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Pós Graduada em Clínica e Cirurgia de pequenos animais e Pós Graduada em Odontologia Veterinária na Famesp.

Lucas Eduardo Golle, Médico veterinário formado pela UNIJUÍ/RS, pós-graduado em clínica e cirurgia de pequenos animais. Marina Lima, médica veterinária formada pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, pós-graduada em endocrinologia e metabologia animal pela Instituição Qualittas de Curitiba, especializada em técnicas dialíticas em pequenos animais pela Anclivepa – SP. Marcelo Benedetti da Costa, formado em medicina veterinária pelo centro universitário da Fundação Assis Gurgacz, pós em Clínica médica e cirúrgica em pequenos animais Qualittas 2017, pós graduação em acupuntura veterinária na Qualittas, Maria Eduarda Dall Oglio Morato, médica veterinária formada pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, aperfeiçoamento em Cardiologia Veterinária. Jeferson Moroski de Oliveira, médico veterinário formado pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz.

O hospital veterinário obtém internamentos separados para cães, gatos e infectocontagiosos, compostos por mesas inox e baias para acomodação de pacientes internados.

Centro Cirúrgico Odontológico, com mesa cirúrgica e equipamento específico para procedimentos odontológicos, monitor multiparâmetro e oxigênio. Centro Cirúrgico, composto por mesa cirúrgica, monitor multiparâmetros, equipamento para anestesia inalatória, oxigênio, eletrocauterização e equipamento para endoscopia. UTI veterinária, contém uma mesa inox, materiais de emergência, monitor multiparâmetro, incubadora, oxigênio, material para anestesia inalatória, equipamento de ultrassom e baias para acomodar pacientes. Todos representados na figura 6.

Dois consultórios para realização de consultas de cães, e um consultório e recepção exclusivamente para felinos (Figura 5). Farmácia, acomoda medicamentos

como antibióticos, antiinflamatórios, analgésicos, antieméticos, pomadas, medicamentos oftálmicos e dermatológicos, testes rápidos, soros fisiológicos, equips, agulhas, seringas, sondas e demais equipamentos utilizados na rotina. Uma sala de Ultrassom que contém mesa, calha e equipamento para realização de exames de ultrassonografia.

Sala de Radiografia com uma mesa para contenção e posicionamento do paciente, aparelho de radiografia e computador, paredes chumbadas e aventais adequados para paramentação e segurança dos profissionais. Sala de despedida com uma mesa e decoração para tutores realizarem despedidas de seus pets de forma mais ética. Sala de Cardiologia, onde realizam exames cardiológicos com equipamentos de ecocardiografia e eletrocardiografia.

Figura 4. Hospital Veterinário Vida Pets.



Fonte: Portal Pet Vet (2023).

Figura 5. (A) Sala de espera para felinos, (B) consultório felinos.



Fonte: Autor (2024).

Figura 6. (A) Centro Cirúrgico Odontológico, (B) Centro Cirúrgico, (C) UTI veterinária.



Fonte: Autor (2024).

2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE O ESTÁGIO NA DOGTOR

2.1 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

Durante o período de estágio realizado na Clínica Veterinária Dogtor, foram acompanhadas atividades na área de Clínica Médica e Cirúrgica de pequenos animais e Animais Silvestres, sempre com a supervisão dos médicos veterinários.

As atividades realizadas diariamente eram acompanhar consultas, realizar o exame físico e contenção do paciente, coleta de sangue e urina para exames laboratoriais. O estagiário era encarregado de auxiliar na rotina dos animais internados, aferir parâmetros, limpeza do ambiente, administrar as medicações, realizar curativos e auxiliar em emergências e passeios com pacientes internados.

Acompanhar os exames de Ultrassonografia, Ecocardiografia e Eletrocardiografia, auxiliando na contenção dos pacientes.

Preparo do paciente e aplicação de medicamentos pré anestésicos, organização do centro cirúrgico, monitoração e cuidados pós-operatórios.

2.2 CASUÍSTICA

Durante o período de 23 de julho a 30 de agosto de 2024 na Clínica Veterinária Dogtor foram acompanhados 42 procedimentos cirúrgicos, 50 imunizações, 8 consultas, 16 exames de imagem e foi acompanhado 60 animais internados.

Os procedimentos cirúrgicos acompanhados foram ovariectomia (OH) eletiva e não eletiva para correção de piometra, orquiectomia eletiva e não eletiva para correção de criptorquidismo, profilaxia dentária e cirurgias ortopédicas. Outros procedimentos diferenciais que chamaram a atenção foram cistostomia por pedra na vesícula urinária, cirurgia reconstrutiva na área da mandíbula causada por tiro, nodulectomia em cão, SRD, fêmea, (Figura 7). A tabela 1 abaixo mostra os procedimentos cirúrgicos realizados durante o período de estágio.

Tabela 1. Procedimentos cirúrgicos acompanhados em cães e gatos no período de 23 de Julho à 30 de agosto de 2024.

Procedimentos realizados	Quantidade
Orquiectomia eletiva	15
Ovariohisterectomia eletiva	12
Profilaxia dentária	4
Cirurgia Reonstrutiva de mandíbula	2
Colocefalectomia	2
Ovariohisterectomia não eletiva, correção de Piometra	1
Orquiectomia não eletiva, para correção de criptorquidismo	1
Cistotomia	1
Desobstrução Uretral	1
Nodulectomia	1

Fonte: Autora (2024)

Figura 7. (A) Cistostomia para correção de urolitíase em cão, fêmea, SRD, 5 anos. (B) Cirurgia reconstrutiva na área da mandíbula em gata causada por tiro, SRD, 1 ano de idade. (C) Nodulectomia em cão, fêmea SRD, 10 anos de idade.



Fonte: autora (2024).

Os exames complementares eram realizados na clínica com médicos veterinários volantes, para realizar uma avaliação mais segura dos pacientes, assim obtendo um diagnóstico mais assertivo e um tratamento eficaz.

Tabela 2. Exames complementares realizados em caninos e felinos durante o período de 23 de Julho à 30 de Agosto de 2024.

Exames	Quantidade realizada
Ultrassonografia	8
Eletrocardiografia	4
Ecocardiografia	4

Fonte: Autora (2024).

3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE O ESTÁGIO VIDA PETS

3.1 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

As atividades realizadas no hospital veterinário Vida Pets eram realizando acompanhamento de consultas, cuidados com pacientes internados, como aplicação de medicamentos e monitoramento, auxiliar em coleta de sangue e acesso venoso periférico, limpeza e realização de curativos, além de esterilização de materiais, organização e limpeza do ambiente.

Atuar como volante e auxiliar durante procedimentos cirúrgicos, além de cuidados pós-operatórios dos pacientes, auxiliar na contenção durante exames de ultrassonografia, ecocardiografia e radiografia.

3.2 CASUÍSTICA

Durante o período de 02 de setembro a 11 de outubro de 2024 no Hospital Veterinário Vida Pets foram acompanhados 50 procedimentos cirúrgicos, seis imunizações, 12 consultas, 46 exames de imagem, 8 eletrocardiogramas e 80 pacientes internamentos (Tabela 3).

Os procedimentos acompanhados foram ovariohisterectomia (OH) eletiva, correção de piometra, orquiectomia eletiva, tratamento periodontal, profilaxia dentária, biópsia hepática, cirurgia reconstrutiva de trauma, cirurgias ortopédicas, cistotomia, nodulectomia, enterotomia.

Os casos acompanhados que me despertaram mais interesse durante o período de estágio foram, caudectomia realizada devido a lesão causada por mordida de cão, correção de luxação temporomandibular causada pós trauma e fratura de cauda em cão representado na figura 8.

Os procedimentos cirúrgicos acompanhados durante o período de estágio estão representados na tabela 3.

Tabela 3. Procedimentos cirúrgicos acompanhados em cães e gatos no período de 02 de setembro a 11 de outubro de 2024.

Procedimentos realizados	N
Ovariohisterectomia eletiva	16
Tratamento periodontal	6
Nodulectomia	5
Orquiectomia eletiva	5
Cirurgia ortopédica	5
Colocefalectomia	4
Cirurgia Reconstitutiva de mandíbula	2
Desobstrução Uretral	2
Ovariohisterectomia não eletiva, correção de Piometra	2
Orquiectomia não eletiva, para correção de criptorquidismo	1
Cistotomia	1
Enterectomia	1

Fonte: Autora (2024).

Figura 8. (A) Lesão causada por mordida em região caudal, em fêmea canina, SRD, 6 anos de idade. (B) Luxação temporomandibular pós trauma em felino de 1 ano de idade, SRD. (C) Fratura em vértebra coccígea de cão adulto.



Fonte: autora (2024).

Durante o período do estágio, foram acompanhados exames complementares. Os exames realizados no hospital estão representados na tabela 4.

Tabela 4. Exames complementares realizados em caninos e felinos durante o período de 02 de setembro a 11 de outubro de 2024.

Exames	Quantidade realizada
Ultrassonografia	20
Radiografia	16
Eletrocardiografia	12
Ecocardiografia	8
Endoscopia	2

Fonte: Autora (2024).

A escolha do relato de caso descrito foi com o objetivo de aprofundar os conhecimentos voltados para traumas orofaciais. A odontologia veterinária, apesar de ser um campo com o qual tenho menos familiaridade, despertou minha curiosidade em relação a esses tipos de trauma e como ele impacta na recuperação dos pacientes felinos. Este estudo busca, assim, melhorar a compreensão sobre a correção, manejo e complicações do trauma orofacial em felinos, descritos no capítulo II.

CAPÍTULO II – DESCRIÇÃO TEÓRICA
CORREÇÃO, MANEJO E COMPLICAÇÕES DO TRAUMA OROFACIAL EM
FELINOS: RELATO DE CASO

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 INTRODUÇÃO

As doenças que afetam a cavidade oral, dentição e a região maxilo-facial são as condições mais prevalentes observadas em clínicas de pequenos animais. Esses problemas não apenas geram dor intensa nos animais, mas também podem resultar em infecções localizadas, com risco de evolução para infecções sistêmicas (Niemiec *et al.*, 2020).

As fraturas de mandíbula são mais comumente observadas, ocorrem em 3% de todas as fraturas de cães e 15% das fraturas de gatos, sendo as principais causas as brigas por território e acidentes automobilísticos, especialmente em machos não castrados (Melo, 2014). Outras causas comuns são quedas, neoplasias, doenças periodontais graves e disparos de armas de fogo (Isaka *et al.*, 2020).

A Síndrome do Gato Paraquedista (SGP), também conhecida como High-Rise Syndrome, refere-se à condição em que gatos sofrem quedas de grandes alturas, resultando em um conjunto de lesões traumáticas, muitas das quais são fraturas faciais, torácicas e ortopédicas. Entre as lesões faciais mais comuns estão fraturas do palato duro, fraturas mandibulares, separação da sínfise mandibular, fraturas dentárias, lesões na fenda palatina, luxação da articulação temporomandibular, epistaxe, escoriações, além de fístulas oronasais e danos na língua (Paixão, 2024).

A maioria dos defeitos oronasais, independentemente da incidência: traumas, infecções crônicas, tumores ou condições congênitas, geralmente requer correção cirúrgica devido ao alto risco de aspiração de alimentos para o trato respiratório (Balieiro *et al.*, 2023).

4.2 ANATOMIA

A cavidade oral é delimitada pelas arcadas dentárias, gengivais, maxila e mandíbula, sendo recoberta pelo palato (Singh, 2019).

O palato, localizado na parte superior, separa cavidade nasal da orofaringe dividindo-se em palato duro e palato mole (Silva *et al.*, 2014). O palato duro, localizado na porção anterior, é composto pelos ossos incisivos, maxilares e

palatinos, apresentando uma mucosa queratinizada que contém rugas. Por sua vez, o palato mole, que se encontra na região posterior, é formado por mucosa não queratinizada. Ambas as porções são vascularizadas pelas artérias palatinas e inervadas pelos nervos vagos e glossofaríngeos (Isaka, *et al.*, 2020).

A língua é responsável por ocupar a maior parte da cavidade oral, estendendo-se até a orofaringe. Sua raiz e corpo são fixos e a ponta é móvel. Graças à sua composição, que é principalmente muscular, a língua consegue executar movimentos intensos e coordenados, como agarrar, enrolar, dividir e manipular os alimentos na boca (Singh, 2019).

A mandíbula é formada por dois ossos mandibulares que se encontram na sínfise. A articulação do processo condilar da mandíbula com o osso temporal forma a articulação temporomandibular, que é crucial para os movimentos mandibulares durante a mastigação (Niemiec *et al.*, 2020).

As mandíbulas e a maxilas são os principais ossos que compõem a parte facial e esses ossos desempenham funções essenciais na rotina dos animais, como mastigação, fonação, deglutição e manutenção da normoclusão dentária, que se refere à relação adequada entre os dentes superiores e inferiores (Machado *et al.*, 2021).

4.3 SINAIS CLÍNICOS

Os sinais clínicos associados a traumas são diversos e cada paciente pode apresentar sinais diferentes, em casos de fissura palatina, apresentam espirros, secreção nasal purulenta, dificuldade de deglutição e pneumonia por aspiração (Isaka *et al.*, 2020). Os indicativos de lesões mandibulares incluem má oclusão, movimento anormal e posição alterada dos dentes. Além disso, sinais não específicos, como dor, epistaxe, sialorreia sanguinolenta, anorexia ou disfagia, também são frequentemente observados (Gawor e Niemiec, 2021).

As lesões traumáticas na cavidade oral consequentemente podem afetar a língua, causando lacerações, mesmo que anatomicamente devido a região seja menos improvável. Os sinais clínicos incluem hemorragia, inchaço, salivação excessiva e movimentos anormais da boca. Nos felinos a língua desempenha um papel crucial não apenas na alimentação e na autoproteção, mas também na interação social, uma vez que a utilizam para lambar e estabelecer vínculos com

outros felinos. A ressecção da língua é uma intervenção cirúrgica indicada em casos que apresentam grande laceração (Silva *et al.*, 2017).

4.4 DIAGNÓSTICO

Para obter um diagnóstico em caso de traumas orofaciais pode-se realizar um exame inicial com o paciente consciente sem muita manipulação, mas só é possível realizar um exame completo e radiografias sob anestesia geral (Niemiec *et al.*, 2020).

É fundamental efetuar um exame neurológico após a ocorrência de um trauma, a fim de verificar se há disfunções no sistema nervoso. Uma queda ou atropelamento pode resultar em traumatismo cranioencefálico, levando à formação de um foco convulsivo posteriormente. Uma sequência recomendada para o exame neurológico pode incluir: avaliação do nível de consciência, análise da postura e locomoção, exame dos nervos cranianos, avaliação das reações posturais, reflexos medulares, tônus muscular e avaliação sensitiva (Feitosa, 2024).

Exames de imagem como radiografia torácica simples e com contraste auxiliam na avaliação do esôfago se há presença de fluido, alimentos ou gás, além de revelar um possível deslocamento da traqueia. Também pode ser útil para diagnosticar pneumonia por aspiração e outras alterações pulmonares. Para uma avaliação mais específica das fraturas pode-se fazer o uso de tomografia (Tilley Smith Jr., 2015).

A rinoscopia pode ser realizada para avaliar as condições nasais, oferecendo uma análise direta e minimamente invasiva. No exame, pode-se usar endoscopia rígida ou flexível, a qual avalia-se a presença de secreções, inflamação das conchas nasais, pólipos, corpos estranhos, placas fúngicas e outras alterações anatômicas, além de verificar se a condição é unilateral ou bilateral. No entanto, não revela a extensão da lesão e pode ser limitada por secreção espessa ou sanguinolenta, que compromete a visibilidade durante o exame (Auler, 2010).

4.5 TRATAMENTO

É fundamental planejar previamente a abordagem terapêutica para o controle da dor, levando em consideração a escolha dos medicamentos conforme a intensidade da dor do paciente. A dor pode ser classificada em aguda, que se caracteriza por seu aparecimento recente e por um período de duração restrito e a dor crônica, que está relacionada à lesão tecidual e costuma se estender por um longo período (Da Rocha, 2023).

A dor provoca sofrimento e compromete tanto a saúde quanto a qualidade de vida dos animais. A avaliação da dor é principalmente feita com base nas reações comportamentais, mas a grande variedade de temperamentos e comportamentos naturais dos felinos torna essa quantificação um desafio (Do Monte, 2021). A Escala de Glasgow é uma ferramenta amplamente utilizada para avaliar a dor em animais. Ela analisa três parâmetros principais: a resposta motora, a resposta verbal e a abertura ocular, gerando uma pontuação que reflete a intensidade da dor experimentada pelo animal (Mautone, 2023).

Os fármacos são essenciais no tratamento da dor e geralmente são a primeira opção terapêutica. As principais classes de medicamentos usadas para controlar a dor incluem os anti-inflamatórios não esteroidais (AINES), corticosteroides, analgésicos antipiréticos, anestésicos locais, antagonistas de receptores NMDA, agonistas dos receptores α -2 adrenérgicos, anticonvulsivantes e especialmente, opioides (Romeu *et al.*, 2019). Uma abordagem alternativa para o controle da dor é a terapia multimodal, que envolve o uso combinado de analgésicos de diferentes classes e mecanismos de ação. O objetivo é atuar em diversos pontos do processo doloroso, proporcionando uma analgesia mais eficaz e abrangente (Aleixo *et al.*, 2017).

A escolha do tratamento medicamentoso em gatos deve levar em consideração o metabolismo peculiar desta espécie, o que pode influenciar tanto o perfil farmacocinético quanto os efeitos farmacodinâmicos dos medicamentos utilizados (Do Monte, 2021).

O manejo nutricional adequado também é essencial para garantir a eficácia do tratamento do paciente. A sonda esofágica é uma ferramenta importante, especialmente em animais que não conseguem ou não podem se alimentar de forma voluntária. A inserção da sonda é realizada por meio de uma esofagostomia, um procedimento relativamente simples, de fácil execução e que favorece a colaboração dos tutores no cuidado do paciente, pode ser mantida por semanas ou

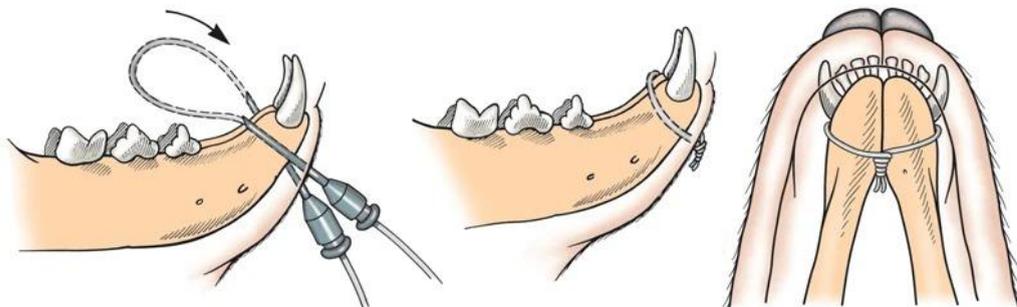
até meses, conforme a necessidade, permitindo que o animal receba alimentos e água de forma contínua e sem dificuldades (Spagnol, 2022).

Após cada refeição, é essencial irrigar a sonda com água para assegurar sua limpeza e prevenir obstruções. A área de inserção precisa ser limpa diariamente para evitar infecções. Ademais, é indispensável o uso do colar elisabetano para impedir que o paciente remova a sonda (Carvalho, 2022).

O procedimento cirúrgico é a principal forma de correção para casos de trauma, a técnica utilizada para corrigir e estabilizar a disjunção da sínfise mandibular é a utilização de fio de cerclagem. Um único fio é posicionado ao redor da mandíbula, caudal os dentes caninos. Após a fratura se consolidar, geralmente entre 6 a 8 semanas, o fio pode ser removido (Fossum, 2021).

O procedimento começa com a realização de uma pequena incisão na pele na região ventral da sínfise. Uma agulha hipodérmica de calibre 16G ou 18G é inserida através dessa abertura e é passada ao longo da superfície lateral da mandíbula, sob a pele. A agulha então sai pela cavidade oral, na região caudal ao dente canino, onde um fio de cerclagem de calibre 18 ou 20 é introduzido. Em seguida, a agulha é reposicionada do outro lado da mandíbula, o fio é passado por trás dos caninos e reinserido na agulha hipodérmica. O fio sai novamente pela incisão inicial na pele. Após a redução da disjunção, o fio é apertado para garantir a estabilização adequada. As extremidades do fio são deixadas expostas pela incisão na pele e devem ser dobradas para evitar possíveis ferimentos nos tutores (Figura 9) (Fossum, 2021).

Figura 9. Técnica de cerclagem para estabilização da disjunção de sínfise mandibular.



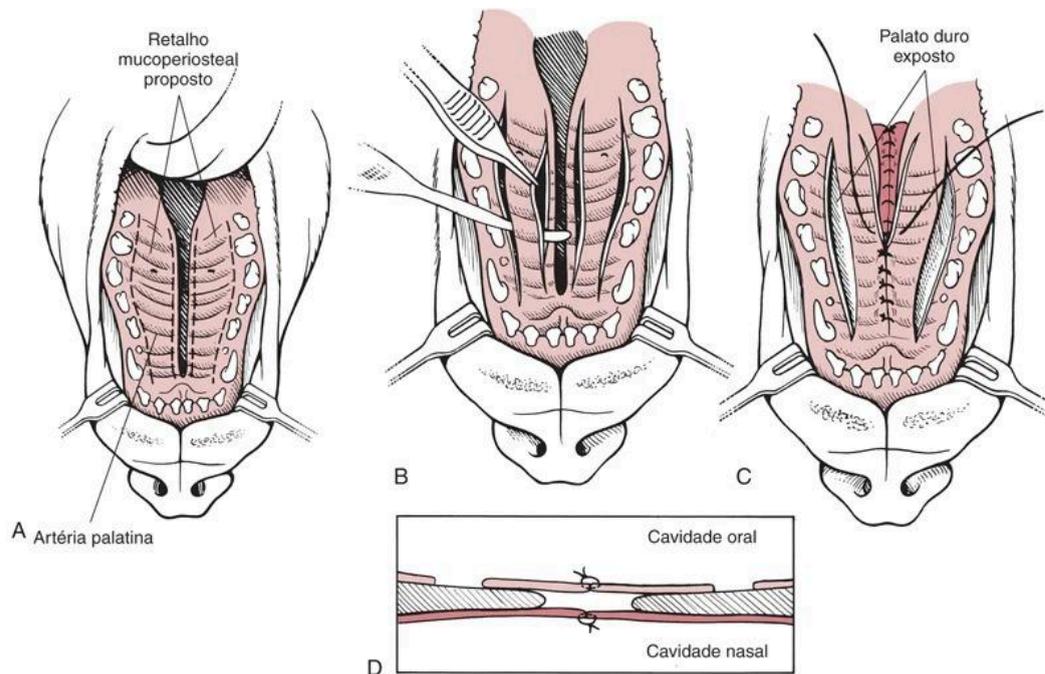
Fonte: Fossum (2021).

Para o procedimento de correção de fenda palatina traumática é utilizado o método de Von Langenbeck, conhecido também como técnica de retalho

bipediculado deslizante, a técnica envolve incisões nas bordas do defeito e realiza a liberação bilateral com incisões ao longo das margens da arcada dentária (Figura 10). (Fossum, 2021). Em seguida, é necessário elevar cuidadosamente as bordas da incisão com um elevador mucoperiosteal, tomando cuidado para não danificar as artérias palatinas, que desempenham um papel crucial no êxito do procedimento. O retalho deve ser aproximado medialmente para restaurar a fenda palatina, utilizando suturas de padrão simples interrompido (Lopes, 2024).

Recomenda-se o uso de fios de sutura absorvíveis, monofilamentares, com agulha triangular do tipo "reverse cutting", aplicando pontos simples interrompidos espaçados de 2 a 3 mm (Niemiec *et al.*, 2020).

Figura 10. (A) Incisões mucoperiosteais para criar dois retalhos deslizantes. (B) O mucoperiosteio é elevado do palato duro, utilizando a artéria palatina maior para irrigação. (C) A mucosa nasal e o mucoperiosteio são suturados em duas camadas sobre o defeito no palato duro. (D) A técnica é visualizada em uma vista transversal para planejamento do reparo.



Fonte: Fossum (2021).

Outra técnica bastante utilizada para correção de fenda palatina é a técnica sobreposta em “sanduíche” o procedimento é iniciado com incisão na margem do defeito para separar as mucosas oral e nasal. eleva-se o mucoperiosteio dessa borda por cerca de 5 mm. No lado oposto, é feito um retalho mucoperiosteal

rotacionado, com a base alinhada à margem do defeito palatino. A incisão deve ser paralela à arcada dentária, sendo 2 a 4 mm maior que o defeito. Realiza-se incisões perpendiculares nas extremidades para alcançar a fenda. O retalho é levantado com cuidado, preservando a margem do defeito, e dissecando ao redor da artéria palatina. Deve-se girar o retalho sobre o defeito e posicionar sua borda sob o retalho oposto. O procedimento é finalizado com suturas horizontais para fixação dos retalhos (Fossum, 2021).

Ambas as técnicas oferecem bons resultados pós-operatórios, desde que sejam seguidos cuidados essenciais, como a preservação das artérias e a realização adequada do debridamento das bordas (Lopes, 2024).

4.6 COMPLICAÇÕES

A Síndrome da Dor Orofacial Felina (FOPS) é uma condição dolorosa pouco compreendida, marcada por grave desconforto na região oral (Ertelt, 2024). A síndrome é provocada por fatores que geram dor nessa região e pode ser modulada pela ansiedade, estado emocional e influenciada por fatores ambientais. Não há um teste diagnóstico definitivo, deve-se descartar outras causas e avaliar o caso separadamente (Bridge, 2015). Os sinais clínicos incluem lambrer excessivamente, mastigar de forma compulsiva, salivação excessiva e patadas na região da boca. Em casos mais graves, podem se automutilar, causando danos à língua e à mucosa oral, o que pode resultar em perda de peso e anorexia (Ertelt, 2024).

A fratura dentária é muito comum em casos de traumas orais e acaba gerando um desconforto significativo no animal. As fraturas mais comuns ocorrem nos dentes caninos, geralmente na forma de fraturas horizontais próximas à cúspide ou na parte média do dente. Embora mais raras, também podem ocorrer fraturas verticais, que apresentam maior risco de complicações, incluindo lesões na área ao redor da raiz, inflamação da polpa dental, morte do tecido pulpar e formação de abscessos na região dentária e alveolar (Fugita, 2016).

A pneumonia aspirativa pode ser uma complicação comum nesses casos, trata-se de uma infecção pulmonar, causada por agentes bacterianos ou virais, e seu aparecimento pode ser facilitado pela aspiração de corpos estranhos para os pulmões. A inalação de líquidos ou secreções para a laringe e as vias respiratórias inferiores pode desencadear a infecção (Gomes e Souza, 2019). A alimentação

forçada ou colocação inadequada de tubos gástricos para dentro da traqueia são causas iatrogênicas de pneumonia aspirativa. Os sinais são angústia respiratória, febre, crepitações durante a ausculta pulmonar e disfagia e diagnóstico é feito com base nos achados radiográficos de tórax e esôfago, hemograma, broncoscopia e gasometria (Nelson, 2010).

A disfagia pode estar presente em animais com trauma oral, resultante de fraturas ósseas, lacerações nos tecidos moles ou hematomas. A halitose, por sua vez, frequentemente acompanha esse quadro, refletindo o crescimento anormal de bactérias na boca, geralmente devido à necrose dos tecidos e à periodontite (Nelson, 2010).

O edema pós-operatório nas mucosas orais pode levar à obstrução da glote. Para reduzir esse risco, é recomendada a administração de glicocorticóides, como a dexametasona (0,5 -1 mg/kg), por via subcutânea ou intramuscular antes da indução anestésica, ou intravenosa durante a indução, a fim de minimizar a inflamação e prevenir complicações respiratórias (Fossum, 2021).

5 RELATO DE CASO

Durante o plantão veterinário no Hospital Veterinário Vida Pets, foi atendido um felino macho, sem raça definida, de 1 ano e 9 meses, pesando 4,2 kg, com escore de condição corporal (ECC) 4 (1 - 10), não castrado. Segundo relato da proprietária durante a anamnese, o animal havia fugido de casa e retornado com um inchaço evidente na região facial, associado a sinais de possível fratura mandibular. O paciente apresentava também sinais clínicos de dor, estresse, sialorréia sanguinolenta e dificuldades para se alimentar.

No exame clínico geral, o paciente apresentou, mucosas normocoradas, temperatura corporal de 37,6°C, frequência cardíaca (FC) de 155 bpm, frequência respiratória (FR) de 45 mpm e sinais evidentes de desidratação grave e apatia. Ao realizar o exame físico, foi identificado edema na região facial, além da ausência do dente canino inferior direito e ausência de dentes incisivos. Também foi observada uma possível disjunção da sínfise mandibular e um corte profundo na região da língua (Figura 12).

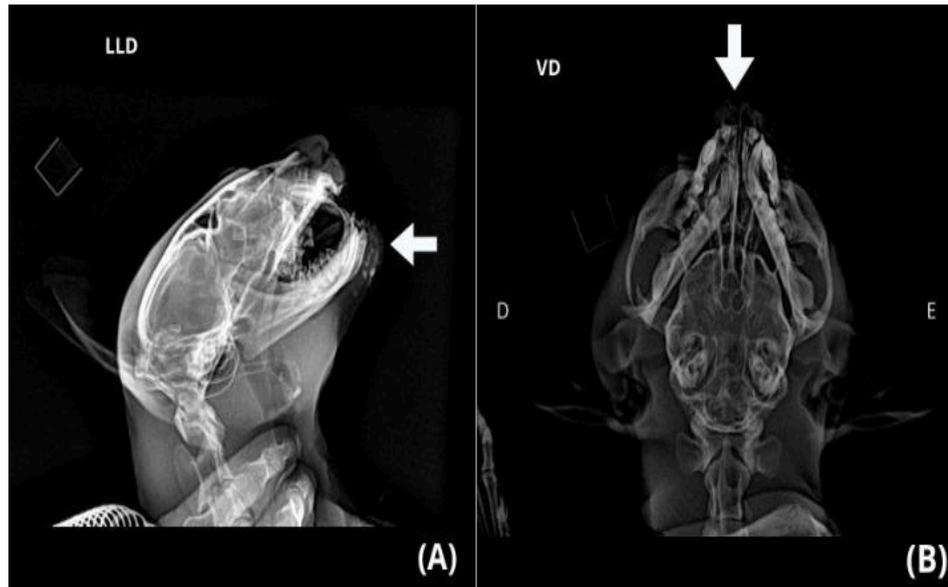
Para auxiliar no diagnóstico, foram solicitados a realização de hemograma e bioquímico mensurando alanina aminotransferase (ALT), aspartato aminotransferase (AST), creatinina, fosfatase alcalina e nitrogênio da ureia no sangue (BUN). Foi solicitado também ultrassonografia e radiografia, além de recomendada a internação em unidade de alta complexidade, dada a gravidade do quadro clínico e a necessidade de monitoramento contínuo.

Os resultados da ultrassonografia indicaram vesícula urinária e rins dentro dos parâmetros normais, baço com padrão rendilhado, estômago vazio, fígado com sinais de inflamação, intestino com distensão gasosa e pâncreas aumentado. Não foram identificados sinais de sangramento ou ruptura de órgãos.

Os resultados do hemograma mostraram anisocitose, monocitose e eosinopenia. Já os exames bioquímicos indicaram elevação dos níveis de ALT, AST e BUN, acima dos valores de referência. No entanto, ao comparar essas alterações com o quadro clínico do paciente, concluiu-se que elas não representam contra indicações para a realização do procedimento cirúrgico, que ocorreu sem complicações.

As radiografias não foram realizadas devido a questões financeiras, de maneira mais rasa foi observado disjunção de sínfise mandibular em posição ventrodorsal (Figura 11).

Figura 11. Fratura mandibular em posição latero-lateral direita (A) radiografia em posição ventrodorsal (B).

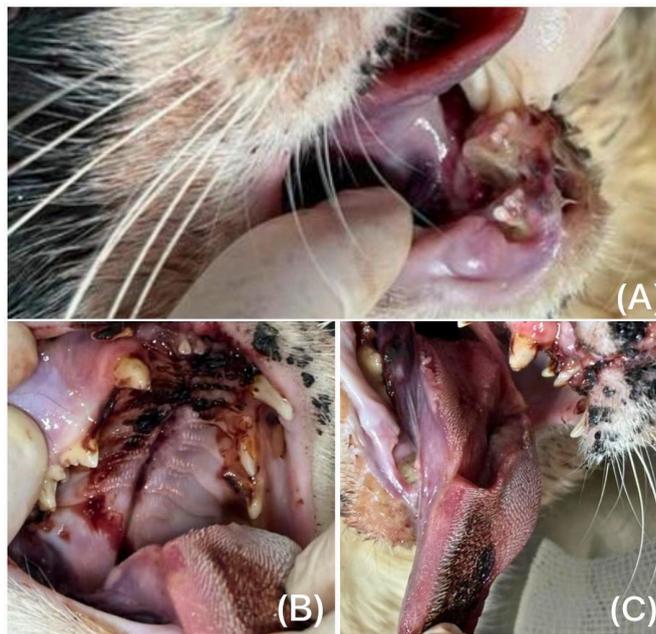


Fonte: autora (2024).

O paciente foi internado para administração de fluidoterapia intravenosa com solução fisiológica de cloreto de sódio 0,9%. O tratamento inicial consistiu na administração de Dipirona (25 mg/kg), BID, via intravenosa, por 5 dias, Cefalotina (30 mg/kg), BID, via intravenosa, por 7 dias, Meloxicam (0,1 mg/kg), SID, via intravenosa, por 5 dias e Metadona (0,2 mg/kg), TID, via intramuscular, por 5 dias.

Após realização da analgesia, o paciente foi encaminhado para reavaliação com a médica veterinária especializada em odontologia, que identificou fratura no palato, disjunção da sínfise mandibular e lesão lacerativa em região da língua. Após a devida explicação sobre o diagnóstico e as opções terapêuticas, a veterinária junto ao tutor optaram pela abordagem cirúrgica como tratamento (Figura 12).

Figura 12. (A) Fratura em mandíbula área de sínfise mandibular, (B) fenda palatina em região de palato duro, (C) laceração de língua.



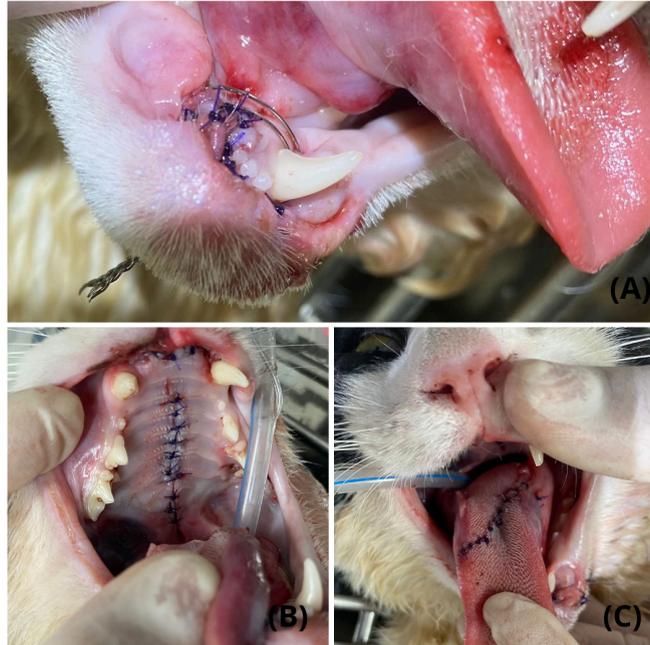
Fonte: autora (2024).

O protocolo anestésico adotado como MPA para o procedimento incluiu a administração de cetamina (0,2 mg/kg) e diazepam (0,5 mg/kg) por via intramuscular, seguidos pela indução com propofol (4 mg/kg) via intravenosa. A intubação foi realizada com sonda endotraqueal número 3,5, sendo aplicada lidocaína em spray diretamente sobre a epiglote. Durante o procedimento, a manutenção da anestesia foi feita com anestesia inalatória utilizando isoflurano a 1,5%, associada ao bloqueio local do nervo alveolar mandibular com lidocaína (2 mg/kg).

Após a limpeza da cavidade oral com o uso de Periovet, foi iniciado o procedimento cirúrgico odontológico para correção da fenda palatina, utilizando sutura com fio absorvível de polipropileno 4.0, com técnica de sutura em pontos simples separados com distância de 2 mm. Foi necessária a correção da sínfise mandibular por meio de duas cerclagem, utilização da técnica com dois fios pois havia fratura e perda do dente canino e de três dentes incisivos, o que impossibilitou a fixação completa. Também foi realizada uma glossorrafia, sutura em laceração da língua com corte profundo e extenso, foi utilizado fio de polipropileno 4.0, técnica realizada com pontos simples separados. Além disso, foram executadas suturas em

pontos simples na região sublingual, região de dentes incisivos e dente canino, sutura em pele em região de mandíbula (Figura 13).

Figura 13. (A) Cerclagem e sutura em região de sínfise mandibular. (B) correção de fenda palatina e região de dentes incisivos (C) glossorrafia para correção de laceração de língua.



Fonte: autora (2024).

Foi optado por realizar procedimento de esofagostomia, aproveitando o protocolo anestésico para alimentação via sonda esofágica até a recuperação do paciente.

No pós-operatório foi mantido protocolo inicial com Cefalotina (30mg/kg) e Meloxicam (0,1 mg/kg) via intravenosa, Metadona (0.2 mg/kg) via intramuscular. Limpeza da cavidade oral com periovet, BID, durante 10 dias e uso de colar elizabetano. A alimentação e suplementação com nutralife ©, 7,5 ml via sonda a cada seis horas.

No segundo dia pós-operatório o felino apresentava aumento de volume evidente em região facial, respiração ofegante. Devido a edema nas vias aéreas, foi adicionado ao protocolo Manitol (1000 mg/kg), BID via Intravenosa, por 3 dias e dexametasona (0.15mg/kg), SID, via intravenosa, por 3 dias. Paciente obteve melhora evidente, manteve-se internado por 5 dias e respectivamente recebeu alta, foi receitado para tratamento a domicílio troca de antibiótico com uso de amoxicilina com clavulanato (250mg/5ml) líquida, 2 ml, BID, administração por sonda.

O retorno foi realizado 7 dias após ter recebido alta, paciente apresentou melhora significativa, apresentando comportamento normal de lambedura, interesse em alimentação pastosa, mas com dificuldade de realizar. Não apresentou deiscência de sutura em palato e língua. Mantendo-se com colar elizabetano e sonda durante 20 dias.

6 DISCUSSÃO

De acordo com Melo (2014) às fraturas de mandíbula ocorrem em 3% de todas as fraturas de cães e 15% das fraturas de gatos, tendo como principais causas, brigas por territorialidade, acidentes automobilísticos e quedas. Essas condições ocorrem na maioria das vezes por gatos não castrados, como no caso relatado.

A Síndrome do Gato Paraquedista (SGP), conforme descrito por Da Paixão (2024), é uma condição que resulta em lesões significativas em gatos que caem de grandes alturas, sendo as fraturas faciais algumas das complicações mais comuns observadas, incluindo a separação da sínfise mandibular, fraturas dentárias, lesões na fenda palatina e danos na língua. Essas lesões, descritas, são compatíveis com os sinais apresentados pelo paciente, conforme relatado. A ausência de informações detalhadas sobre o ambiente e comportamento do animal antes do ocorrido dificulta a determinação precisa das causas que levaram o trauma, tornando incerta se o evento foi provocado por uma queda, acidente automobilístico ou outros fatores imprevisíveis.

Como descrito Isaka (2020) e Gawor (2021), os sinais clínicos observados no paciente, como dor, sialorréia com saliva sanguinolenta e dificuldade de deglutição, são típicos de lesões mandibulares e fenda palatina, sendo consistentes com as manifestações clássicas dessas condições. Além disso, conforme relatado por Da Silva (2017), lesões traumáticas na cavidade oral podem afetar a língua, embora tais lesões sejam incomuns devido à localização anatômica da língua. Quando presentes, essas lesões podem causar lacerações, como no caso em questão, resultando em inchaço e contribuindo para a sialorréia, que pode ser uma consequência do trauma na região.

O planejamento terapêutico deve ser cuidadoso, levando em consideração a intensidade da dor e as características específicas do quadro clínico do animal, como apontado por Santos (2012). O estudo de Rusbridge (2015) evidenciou que gatos com doenças dentárias graves necessitam de opióides por até 72 horas após a cirurgia, além de apresentarem escores elevados de dor mesmo seis dias após o procedimento. Esses achados destacam a complexidade do manejo da dor em casos de doenças dentárias graves em felinos, onde a dor pode persistir por períodos mais longos do que o esperado. A necessidade prolongada de opióides

sugere que, além do tratamento imediato pós-cirúrgico, o controle da dor nesses casos deve ser mantido por um tempo considerável, com uma abordagem terapêutica contínua, como não houve trauma crânio-encefálico, fratura de costela, lesão em coluna o controle da dor se mostrou satisfatório como foi realizado.

A técnica adotada para a correção da fratura de sínfise mandibular, conforme descrita por Fossum (2021), envolve o uso de um único fio de cerclagem fixado caudalmente aos dentes caninos para promover e consolidar a união da sínfise. No entanto, durante o procedimento a abordagem foi adaptada devido à perda do dente canino esquerdo do paciente. Em vez de utilizar um único fio, optou-se pela aplicação de dois fios de cerclagem, proporcionando maior estabilidade e segurança à fixação da sínfise mandibular, considerando a ausência do dente canino como ponto de apoio.

Conforme as técnicas descritas por Fossum (2021), existem duas abordagens principais para a correção de fenda palatina, o método de Von Langenbeck, que utiliza o retalho bipediculado deslizante, e a técnica sobreposta de "sanduíche". No caso do paciente em questão, foi adotada a técnica de Von Langenbeck, com algumas modificações. Ao invés de realizar incisões de liberação bilateral paralelas às linhas da arcada dentária, como recomendado pela técnica clássica, optou-se por uma abordagem que dispensou essas incisões, o que resultou em maior tensão no defeito central originado pela fenda. Apesar disso, não ocorreu deiscência de sutura, e a cicatrização foi satisfatória.

A sonda esofágica é de grande importância no tratamento de animais que sofreram traumas faciais, pois desempenha um papel crucial na nutrição e na cicatrização. De acordo com Spagnol (2022), além de facilitar a ingestão de alimentos e promover a recuperação do paciente, a sonda apresenta boa aceitação pelo animal, o que contribui para um manejo mais eficaz e tranquilo, tanto para o animal quanto para o tutor. Assim, seu uso se torna uma ferramenta valiosa no cuidado intensivo e no suporte nutricional durante a recuperação. No caso do paciente a sonda manteve-se durante 20 dias, a qual se tornou essencial para ingestão hídrica, nutricional e ingestão de medicamentos, amenizou riscos de infecção e auxiliou na cicatrização do procedimento.

Como descrito por Fossum (2022), o prognóstico para animais que submetem-se a um reparo bem-sucedido da fenda palatina é geralmente favorável. No entanto, em alguns casos, pode ser necessário realizar múltiplos procedimentos

cirúrgicos para alcançar uma recuperação completa. Da mesma forma, o prognóstico para a recuperação de fraturas mandibulares e maxilares também tende a ser positivo, desde que as técnicas adequadas de manejo sejam seguidas. Isso ressalta a importância de uma abordagem cirúrgica meticulosa e de um acompanhamento contínuo para evitar complicações e assegurar a recuperação plena do paciente. No caso do paciente em questão, o prognóstico também é favorável, considerando a boa cicatrização das lesões e a evolução satisfatória do quadro clínico.

A síndrome da dor orofacial pode ser desenvolvida após traumas orofaciais principalmente quando há fraturas de dentes. Bridge (2015) descreve que a síndrome é provocada por fatores que geram dor intensa nesta região, a alteração ainda não obtém diagnóstico, sendo necessário observar alterações específicas e descartar outras patologias para diagnosticar. Devido ao trauma e sua região seguida da intensa dor, o paciente pode acarretar a síndrome, sendo necessário observação reservada do quadro.

7 CONCLUSÃO

Conclui-se que fraturas em região da face de felinos que têm acesso a rua é uma complicação comum na rotina veterinária, tanto quanto em acidentes automobilísticos quanto em quedas, devido a particularidade de cair em posição esternal, as fraturas acabam se concentrando na região da face. Para uma significativa melhora após a correção cirúrgica é de extrema importância a realização da esofagostomia para manter manejo nutricional e evitar infecções. O aprimoramento de técnicas e cuidados com o paciente, além do controle de dor adequado tornam-se cruciais para sucesso do procedimento, deve-se ter uma atenção maior em relação a exames complementares e possíveis problemas secundários, conservando assim a qualidade de vida do paciente pós-traumático.

O estágio supervisionado foi uma etapa essencial para o meu aprimoramento profissional, me permitindo vivenciar o cotidiano da prática veterinária de forma direta e enriquecedora. A experiência em diferentes estabelecimentos clínicos possibilitou a observação de abordagens e procedimentos diversos, o que ampliou minha visão sobre os desafios e soluções na rotina clínica. Além disso, o estágio foi fundamental para integrar teoria e prática, consolidando conceitos aprendidos durante as aulas e aperfeiçoando minhas habilidades técnicas, com impacto direto no meu desenvolvimento profissional.

5 REFERÊNCIAS

ALEIXO, Grazielle Anahy Sousa et al. Tratamento da dor em pequenos animais: classificação, indicações e vias de administração dos analgésicos (revisão de literatura: parte II). **Medicina Veterinária (UFRPE)**, 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/228886377.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2024.

AULER, Fernanda de Assis Bueno. Associação da radiografia, tomografia computadorizada e rinoscopia no auxílio diagnóstico das afecções em cavidade nasal e seios paranasais de cães, 2010. **Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo**. Disponível em: <https://www.teses.usp.br> Acesso em: 08 nov. 2024.

BALIEIRO, Amanda Costa et al. Manejo e correção de fenda palatina provocada por trauma em decorrência da síndrome do gato paraquedista: relato de caso. **Contribuciones A Las Ciencias Sociales**, 2023. Disponível em: <https://www.revista.usb.edu.com>. Acesso em: 04 nov. 2024.

BROOK, A. et al. **Directrizes Dentárias Globais da World Small Animal Veterinary Association**, 2017. Disponível em: <https://www.wsava.org> Acesso em: 09 nov. 2024.

CARVALHO, Natália Forni Perez de. Alimentação enteral em gato doente renal crônico. **Repositório Unesp Brasil** 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br>. Acesso em: 09 nov. 2024.

DA PAIXÃO LEAL, Milena et al. SÍNDROME DO GATO PARAQUEDISTA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. **ATUALIDADES NA SAÚDE E BEM-ESTAR ANIMAL VOLUME 10**, 2024. Disponível em: <https://www.editorainvivo.com>. Acesso em: 09 nov. 2024.

DA ROCHA OLIVEIRA, Paula; DE ALMEIDA ANGELOS, Tamires; TRIVILIN, Leonardo Oliveira. Abordagem farmacológica no controle da dor em felinos. **TÓPICOS ESPECIAIS EM CIÊNCIA ANIMAL XII**, p. 167, 2023. Disponível em: <https://cienciasveterinarias.ufes.br>. Acesso em: 09 nov. 2024.

DA SILVA, Fabiane Leite et al. Ferida lacerativa na língua e perda dentária em um gato: relato de caso. **Pubvet**, 2017. Disponível em: <https://www.pubvet.com.br> Acesso em: 09 nov. 2024.

DA SILVA, Hannah Martins Oliveira Gonçalves et al. Correção cirúrgica de fenda palatina traumática em gato: relato de caso. **Pubvet**, 2017. Disponível em: <https://www.pubvet.com.br> Acesso em: 09 nov. 2024.

DIAS, Luis Gustavo et al. Disjunção de sínfise mandibular em felino: relato de caso. **Enciclopedia Biosfera**, p. 15, 2012. Disponível em: <https://www.encyclopediabiosfera.com>. Acesso em: 09 nov. 2024.

DO MONTE, Ana Caroline Barros Correia. Analgesia e anestesia em gatos acometidos por fraturas e cirurgias ortopédicas: uma revisão. **Research, Society and Development**, 2021. Disponível em: <https://www.researchsociety.com>. Acesso em: 09 nov. 2024.

DOS SANTOS MARTINS, Nathália et al. Correção de fenda palatina traumática associada à fratura de mandíbula em felino: relato de caso. **Pubvet**, 2023. Disponível em: <https://www.pubvet.com.br>. Acesso em: 08 nov. 2024.

ERTELT, Katrin; DÖRNER, Judith. Successful treatment of a Himalayan cat with feline orofacial pain syndrome. **Veterinary Record Case Reports**, p. e949, 2024. Disponível em: <https://www.vetrecordcasereports.com>. Acesso em: 07 nov. 2024.

FEITOSA, Mary Marcondes. Semiologia do Sistema Nervoso de Pequenos Animais. *Semiologia Veterinária. A arte do diagnóstico: cães, gatos, eqüinos, ruminantes e silvestres*. São Paulo: Roca, 2004. Disponível em: <https://www.rocaveterinaria.com>. Acesso em: 05 nov. 2024.

FOSSUM, Theresa W. *Cirurgia de Pequenos Animais*. 5. ed. Rio de Janeiro: GEN Guanabara Koogan, 2021. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788595157859/>. Acesso em: 07 nov. 2024.

FUGITA, Mariana Suemi. Estudo retrospectivo das afecções orais em 754 felinos domésticos (*Felis catus*) atendidos no Laboratório de Odontologia Comparada da

Universidade de São Paulo. 2016. **Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo**. Disponível em: <https://www.teses.usp.br>. Acesso em: 01 nov. 2024.

GAWOR, Jerzy; NIEMIEC, Brook (Ed.). *The Veterinary Dental Patient: A Multidisciplinary Approach*. **John Wiley & Sons**, 2021. Disponível em: <https://www.wiley.com>. Acesso em: 03 nov. 2024.

GOMES, Lohanna Lima; SOUZA, Carlos Eduardo Azevedo. Relato de caso: pneumonia aspirativa em cão associado a fisiologia. **Conexão Uni Fametro**, 2019. Disponível em: <https://www.unifametro.br>. Acesso em: 04 nov. 2024.

ISAKA, Luciano Jose Eigio et al. Use of palatal prosthesis to correct an acquired palatal cleft in a cat: a case report. **Veterinary case journal**, 2020. Disponível em: <https://www.veterinarycasejournal.com>. Acesso em: 04 nov. 2024.

LOPES, Eduarda Nogueira. Fenda palatina de origem traumática em felino: relato de caso. **UNICEPLAC** 2024. Disponível em: <https://dspace.uniceplac.edu.br/handle/123456789/3003>. Acesso em: 09 nov. 2024.

MACHADO, Francielli Lara et al. Uso de pele de tilápia em disjunção de sínfise mandibular em felino: relato de caso. **Pubvet**, 2020. Disponível em: <https://www.pubvet.com.br>. Acesso em: 09 nov. 2024.

MELO, Denise Gomes de. Retrospecto de lesões radiológicas da cabeça de cães e gatos. **Repositório institucional UNESP**, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/121878>. Acesso em: 09 nov. 2024.

ROMEU, Rogério; GORCZAK, Rochelle; VALANDRO, Marilia Avila. Analgesia farmacológica em pequenos animais. **Pubvet**, 2019. Disponível em: <https://www.pubvet.com.br>. Acesso em: 09 nov. 2024.

NELSON, Richard W. COUTO, Guillermo C. medicina interna de pequenos animais. 4° edição. **Rio de Janeiro: Elsevier**, 2010.

RUSBRIDGE, Clare; HEATH, Sarah; JOHNSON, N. W. Feline orofascial pain syndrome. **Feline Behavioural Health and Welfare**, 2015. Disponível em: <https://www.felinehealth.org>. Acesso em: 09 nov. 2024.

SILVEIRA, Fernanda Piccinini da. Fraturas mandibulares em felinos: revisão bibliográfica. **Repositório digital UFRGS**, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/233643>. Acesso em: 09 nov. 2024.

SINGH, Baljit. *Tratado de Anatomia Veterinária*. 5. ed. **Rio de Janeiro: GEN Guanabara Koogan**, 2019. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788595157439/>. Acesso em: 09 nov. 2024.

SPAGNOL, Laura. Nutrição clínica de cães e gatos hospitalizados. **Repositório institucional UNESP**, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/238983>. Acesso em: 06 nov. 2024.